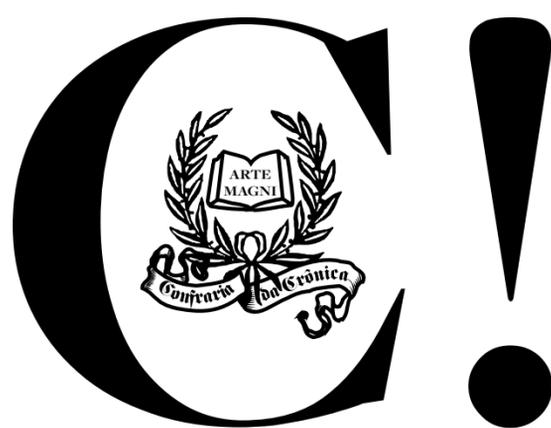


Cultura!



FORAM QUATRO ANOS DE 'CULTURA!'

O *Cultura!* fez história. Trouxe em suas páginas obras de colaboradores locais, nacionais e estrangeiros, das mais variadas expressões da arte: música, literatura, fotografia, pintura, teatro, cinema. Apresentou entrevistas com artistas aclamados, como o caricaturista Eduardo Baptista, o jornalista Juca Kfourri, o crítico musical Carlos Calado, o compositor Tim Rescala, o maestro Luís Fernando Paina, além dos renomados escritores Vanessa Barbara, Ilan Brenman, Helena Gomes, Samir Machado de Machado, Felipe Castilho, João Pereira Coutinho, Susana Ventura, Mia Couto e o Veríssimo — é o Veríssimo, cara. É o Veríssimo! —. Não foi pouca coisa.

Um pouco de

Cada arte...

*
O.A.
SECATTO
oasecatto@bol.com.br
www.oasecatto.com.br

BENDITO CONTINUO EU ENTRE AS MULHERES

Minha Livia chegou a este mundo às 9h18 do dia 14 de dezembro de 2019 num silêncio zombeteiro. O pediatra a pegou e a levou para a sala de recém-nascidos. Eu fui atrás. O silêncio era uma pecinha que pregava em nós. Pois foi só o pediatra aspirar um pouco do líquido pelo seu nariz que ela, enfim, deu o ar da graça de sua voz. E alto. Encheu o centro cirúrgico. No berçário, foi pesada, medida e limpa. Só parou com a reclamação quando segurou meu dedo e ouviu minha voz. Eu sei que já disse isso em 2017, quando a Laura nasceu, mas... Ah, não há palavra em língua humana que possa descrever a sensação de pai quando agora a Livia abriu os olhos pela primeira vez, ali no berçário, segurando meu dedo, olhou para mim e sorriu.

Joelho, de novo. Todo recém-nascido tem cara de joelho. A não ser que seja nosso. Nesse caso, com toda a imparcialidade inerente ao homem, vemos todos os traços ancestrais ali manifestados. Talvez seja só impressão minha.

Na verdade, como a Laura desde que nasceu parece encarnar uma miniatura minha, agora, com a Livia, foi a vez de a minha Bella esposa ser homenageada. Não sei se é alguma ilusão sugestiva.

A Livia é a cara da mãe!

Bendito continuo. Na minha casa minha situação de minoria foi muito mais agravada. Se antes eram a Bella, a Khera e a Laura contra mim, a elas agora somou-se a Livia. Que é um anjo de tranquilidade: só chora para tomar banho e trocar a fralda — e, claro, quando está com fome. Quero ver até quando...

Novos diálogos esparsos. (Peço nova licença ao Vittorio Cecchinelli para usar a expressão por ele consagrada.) Meu pai para a Livia:

— Ô meu ouro...

A Laura:

— Mas “meu ouro” não era eu?

Meu pai:

— Vocês duas, meu ouro, vocês duas.

Logística de uma grande guerra. Trocar de cômodo na casa exige planejamento. Tá tudo aí? Pega isso, pega aquilo, cadê a fralda?, cadê a chupeta?, cadê...?, trouxe a meia? Isso em ambiente fechado e pretensamente controlado.

Imagine para sair de casa.

A propósito, como fazer caber num carro a esposa, as duas filhas (cada qual em sua

cadeirinha) e a sogra (nossa guardiã e anjo da guarda)? Tá punk, tá punk...

Novo antigo manual. Filha não vem com manual. A segunda também não. E, ainda que a primeira tivesse vindo com um, este já não serviria para a segunda. Às vezes perguntamos em desespero: “Onde fica o botão que desliga?!” Em verdade, é bem simples. Toda nenê apenas tem três modos (que são cíclicos): “mama”, “dorme” e “chora”. Entre eles, nos intervalos, há os submodos: “cocô” e “xixi” (com todas as combinações possíveis acontecendo a cada meia hora).

No modo “chora”, você quer que ela durma. Então, quando está no modo “dorme”, você tem rompantes de dúvida instintiva seguidos de apavoramento: “Será que ela está respirando?!” No final, você sempre perde o sono. Eu, por exemplo, passo o dedo no nariz ou na orelha até ela se mexer no berço. (Tenho certeza de que, após minhas noites mal dormidas, cada bocejo dela no meu colo é uma provocação. Cadê aquele cadelo que falava “bem dormido! bem dormido!” numa hora dessas?)

A Laura já havia preenchido um vazio em casa e em nossas vidas. E acabara com o eco do quarto que era para ela.

Mas é certo que todo pai precisa dar limites aos filhos. Por isso era hora de ela repartir o espaço e aprender a dividir a atenção. A dose necessária de frustração para se preparar para a vida.

A Livia veio para, com a Laura, acabar de preencher os salões de minha alma com luz, graça e música.

‘Cultura!’. Não há muito a dizer agora, depois de 48 edições de um suplemento cultural como jamais existiu em Fernandópolis e região. É só um “até breve”, uma pausa necessária aos colaboradores e, principalmente, a este editor, cujas responsabilidades de pai — e no trabalho — têm exigido dedicação integral e exclusiva. Assim que tudo aliviar, voltamos. Renovados e com novo projeto gráfico. (Mas sem data prevista.)

Até lá, só tenho a agradecer ao jornal **O Extra.net** pela oportunidade concedida em 2015, quando apostou no *Cultura!*, que era só um desejo entusiástico meu refletido num esboço rascunhado em CorelDraw e impresso em folhas de sulfite A4.

Agradeço também aos colaboradores da Confraria da Crônica Gil Piva, João Leonel, Zé Renato, Jacqueline Paggiore e Eliana Jacob Almeida, que muito contribuíram às edições mensais — e ao Alisson Carvalho, que é o melhor diagramador que eu conheço e que suportou com bom humor

intacto todas as minhas manias [ele tem umas iguaizinhas!] e maluquices, sempre entregando um trabalho impecável —, da mesma forma aos amigos que de alguma forma enriqueceram o conteúdo dessas 48 edições com seus textos, desenhos e fotografias: A. Ventura, Aglaé Torres, Ailton Fernandes, Aléssio Fuzari, Antônio Carlos Policer, Bárbara Araújo Oliveira, Bruno Anselmi Matangrano, Carol Chiovatto, Claudinei Cabreira, Cleber Papa, Davi Paiva, Dienifer A. Silvestre, Eduardo Baptista, Fabiane Claire, Fabiane Ribeiro, Helena Gomes, Hércules Domingues de Faria, Isabela Zarda, J i m Anotsu, Julia Nanchi Teles, Laís Midori da Silva, Lara Luft, Lino Marfioli, Lucas Oliveira de Freitas, Marco Antônio, Mônica Leopoldino Silva Fernandes, Pedro Antonio Nascimento de Jesus, Ricardo Biazotto, Rodrigo Martiniano Tardeli, Rodrigo Pires da Cunha Boldrini, Samantha Policer,

San-
dro
Muniz,
Sivaldo
Cremolin,
Sonia
Guzzi,
Valdivino
Pina da
Silva,
Vanessa
Barbara,
Vini-
cius Augusto
Alves
Ranulfo da
Silva, Vittorio
Cecchinelli
e Wilson
Granello.

A todos, obrigado e até breve!



Palavra



“La commedia è finita!”

ÚLTIMAS PALAVRAS DA ÓPERA “I PAGLIACCI”,
COMPOSTA POR RUGGERO LEONCAVALLO,
DITAS PELO PERSONAGEM CANIO.

R. Leoncavallo



Cultura! é uma publicação do jornal
O Extra.net, concebida por O. A. Secatto
com o apoio da Confraria da Crônica.

EXPEDIENTE
EDITOR: O. A. SECATTO
COLABORADORES: GIL PIVA,
JOÃO LEONEL, ZÉ RENATO E
JACQUELINE PAGGIORO
DIAGRAMAÇÃO: ALISSON CARVALHO



DANÇA

SAMANTA POLICER

A vida te tira para dançar,
 Puxa-te pela mão.
 Uma melodia suave ecoa.
 O mundo é palco,
 Sê protagonista.
 Dança firme a passo lento,
 Descobre!
 Passeia por entre gente,
 Observa!
 Por decepções e dores,
 Sente!
 Por alegrias e cores,
 Vê!
 Dança,
 Por onde passado e futuro se cruzam.
 Por onde real e fantasia se misturam.
 Por onde o amor e a dor se encaixam.
 Sente o vento beijar-te os lábios,
 Bagunçar teu cabelo,
 Arrepiar tua pele...
 Sê brisa leve.
 Sê furacão.
 Dança pelos jardins.
 Cuidado, não pises nas flores!
 Dança pelo céu.
 Cuidado, não pises nos sonhos!
 Dança pelo mundo.
 Cuidado, não pises nas pessoas!
 Dança na chuva,
 Que as nuvens derramam poesia.
 Dança pela noite,
 Que as estrelas te assistem.
 Impõe teu ritmo, segue teus passos.
 Agora para! Vê:
 Uma criança entrou no salão!
 Inquieta, passa correndo, esbarra na vida!
 Inverte a ordem.
 Separações e rearranjos,
 Encontros e desencontros,
 Mudança de planos!
 Menino travesso, pergunto seu nome:
 “Destino”.
 Socorro a vida. Está atordoada.
 Mas, ainda assim, me olha nos olhos:
 “Só não deixes de dançar!”

*

SAMANTA POLICER É ALUNA DA ETEC DE FERNANDÓPOLIS E COAUTORA DO LIVRO “PALAVRA É ARTE”



FAZER AMOR

ANTÔNIO CARLOS POLICER

Como é que se faz amor?
 O que se faz é arroz,
 ovo frito, macarrão; amor, não.
 No caderno da vovó
 tem receita de bobó
 e até de doce de jiló
 (e de berinjela também)
 mas, de amor, garanto, não tem.

Amor não se faz na cama;
 na cama, se faz xixi.
 Isso, em neném, eu vivi
 mas amor nunca fiz, não.
 Na cama, se ronca
 e se leva bronca!

Dentro dos laboratórios,
 os cientistas, vários,
 entre bicos de Bunsen,
 tubos de ensaio e pipeta
 nunca fizeram amor de proveta.

O amor não se fia.
 Nem Glória e nem Maria
 conseguem tecê-lo,
 apesar do zelo ao fiar.

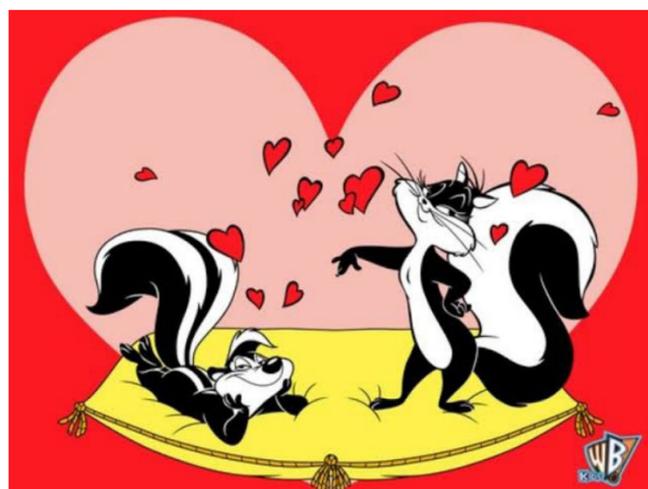
Engenheiro e arquiteto,
 com todo conhecimento
 (tijolo, concreto,
 projeto, cimento)
 não conseguem edificá-lo:
 é impossível o intento!
 E tudo vai para o ralo...

O amor, então, desperta?
 Quietos! Deixe o menino
 (o arqueiro pequenino)
 dormindo com seu travesseiro
 de nuvem;
 flecheiro míope nascido,
 anjo de candura
 e penujem.
 Anjo de travessura, isso sim!

Amor não se faz, nasce feito;
 é um dever e um direito,
 não tem prefeito e nem senhor.
 Amor é dado, é de graça,
 é beijo de moça na praça.
 O amor? Ah, o amor...

*

ANTÔNIO CARLOS POLICER É INTEGRANTE DO QUARTETO POÉTICO E COAUTOR DOS LIVROS “ALAR” E “PALAVRA É ARTE”



Quatro Anos!



Cultura! Cultura! Cultura! Cultura! Cultura! Cultura!

TRÊS DÉCADAS MUITO BEM DESENHADAS

Um século de arte e arquitetura em três décadas de design gráfico.

Par que não?
Um século de arte e arquitetura em três décadas de design gráfico.

Trança e Brasil
Um século de arte e arquitetura em três décadas de design gráfico.

Mais um Turbante
Um século de arte e arquitetura em três décadas de design gráfico.

Desde os primórdios
Um século de arte e arquitetura em três décadas de design gráfico.

JAZZ. UMA VOZ QUE NÃO SE CALA

Um século de arte e arquitetura em três décadas de design gráfico.

HUMOR SEMPRE, ATENA TRISTEZA

Um século de arte e arquitetura em três décadas de design gráfico.

Acidente com música

Um século de arte e arquitetura em três décadas de design gráfico.

Jango abandonado

Um século de arte e arquitetura em três décadas de design gráfico.

Amizade de Mozart

Um século de arte e arquitetura em três décadas de design gráfico.

'O Professor'

Um século de arte e arquitetura em três décadas de design gráfico.

Heterosino Modesto

Um século de arte e arquitetura em três décadas de design gráfico.

QUE É ARTE?

Um século de arte e arquitetura em três décadas de design gráfico.

Mitos fundadores

Um século de arte e arquitetura em três décadas de design gráfico.

Encontros

Um século de arte e arquitetura em três décadas de design gráfico.

A história não contada

Um século de arte e arquitetura em três décadas de design gráfico.

Risos e léses

Um século de arte e arquitetura em três décadas de design gráfico.

INFÂNCIA: LABORATÓRIO DE IMAGINAÇÃO

Um século de arte e arquitetura em três décadas de design gráfico.

Numa sexta

Um século de arte e arquitetura em três décadas de design gráfico.

Plenitude

Um século de arte e arquitetura em três décadas de design gráfico.

Poesia

Um século de arte e arquitetura em três décadas de design gráfico.

OMÊS DE FERNANDO PESSOA

Um século de arte e arquitetura em três décadas de design gráfico.

'Canções'

Um século de arte e arquitetura em três décadas de design gráfico.

'Sampaqui'

Um século de arte e arquitetura em três décadas de design gráfico.

OS CEM ANOS DO JAZZ

Um século de arte e arquitetura em três décadas de design gráfico.

'A Alcaide de Mozart'

Um século de arte e arquitetura em três décadas de design gráfico.

'The Machine'

Um século de arte e arquitetura em três décadas de design gráfico.

Estreia

Um século de arte e arquitetura em três décadas de design gráfico.

EXCLUSIVO

Um século de arte e arquitetura em três décadas de design gráfico.

Cultura! Cultura! Cultura! Cultura! Cultura! Cultura!

UM NOVO OLHAR PARA A CULTURA

Um século de arte e arquitetura em três décadas de design gráfico.

Análises

Um século de arte e arquitetura em três décadas de design gráfico.

A História

Um século de arte e arquitetura em três décadas de design gráfico.

J. R. B. Tuller

Um século de arte e arquitetura em três décadas de design gráfico.

Prezando a aliança

Um século de arte e arquitetura em três décadas de design gráfico.

'Ousadia'

Um século de arte e arquitetura em três décadas de design gráfico.

Suposições

Um século de arte e arquitetura em três décadas de design gráfico.

'Café da Paralela'

Um século de arte e arquitetura em três décadas de design gráfico.

EXCLUSIVO

ENTREVISTA COM LENIN

Um século de arte e arquitetura em três décadas de design gráfico.

Harry Potter

Um século de arte e arquitetura em três décadas de design gráfico.

Lino - Lino

Um século de arte e arquitetura em três décadas de design gráfico.

'Canção Negro'

Um século de arte e arquitetura em três décadas de design gráfico.

AS MIL FACES DE MERLIN

Um século de arte e arquitetura em três décadas de design gráfico.

'Homens Elegantes'

Um século de arte e arquitetura em três décadas de design gráfico.

Atmosfera carregada

Um século de arte e arquitetura em três décadas de design gráfico.

'A Cabana'

Um século de arte e arquitetura em três décadas de design gráfico.

Verdade e mentira

Um século de arte e arquitetura em três décadas de design gráfico.

Benefício para as mulheres

Um século de arte e arquitetura em três décadas de design gráfico.

Alma de Rei

Um século de arte e arquitetura em três décadas de design gráfico.

Investidos homens

Um século de arte e arquitetura em três décadas de design gráfico.

Tragédico

Um século de arte e arquitetura em três décadas de design gráfico.

'Vagas para leão'

Um século de arte e arquitetura em três décadas de design gráfico.

'Amor e Ciúme'

Um século de arte e arquitetura em três décadas de design gráfico.

UMA VIDA PARA A MÚSICA

Um século de arte e arquitetura em três décadas de design gráfico.

Carreira

Um século de arte e arquitetura em três décadas de design gráfico.

Sacredão

Um século de arte e arquitetura em três décadas de design gráfico.

Os Dois

Um século de arte e arquitetura em três décadas de design gráfico.

Renascimento e progresso

Um século de arte e arquitetura em três décadas de design gráfico.

Mãe em presente

Um século de arte e arquitetura em três décadas de design gráfico.

OS CEM ANOS DO JAZZ

Um século de arte e arquitetura em três décadas de design gráfico.

'A Alcaide de Mozart'

Um século de arte e arquitetura em três décadas de design gráfico.

'The Machine'

Um século de arte e arquitetura em três décadas de design gráfico.

Estreia

Um século de arte e arquitetura em três décadas de design gráfico.

EXCLUSIVO

Um século de arte e arquitetura em três décadas de design gráfico.

OS CEM ANOS DO JAZZ

Um século de arte e arquitetura em três décadas de design gráfico.

'A Alcaide de Mozart'

Um século de arte e arquitetura em três décadas de design gráfico.

'The Machine'

Um século de arte e arquitetura em três décadas de design gráfico.

Estreia

Um século de arte e arquitetura em três décadas de design gráfico.

EXCLUSIVO

Um século de arte e arquitetura em três décadas de design gráfico.

Cultura! Cultura! Cultura! Cultura! Cultura! Cultura!

NOVOS MUNDOS À VISTA

Um século de arte e arquitetura em três décadas de design gráfico.

'Profetas'

Um século de arte e arquitetura em três décadas de design gráfico.

'A revolução do bicômetro'

Um século de arte e arquitetura em três décadas de design gráfico.

Dra. Márcia

Um século de arte e arquitetura em três décadas de design gráfico.

EXCLUSIVO

BENNY GOODMAN, O REI DO SWING

Um século de arte e arquitetura em três décadas de design gráfico.

'Rafael'

Um século de arte e arquitetura em três décadas de design gráfico.

'Olivaria paulista'

Um século de arte e arquitetura em três décadas de design gráfico.

'Lino Jato'

Um século de arte e arquitetura em três décadas de design gráfico.

EXCLUSIVO

VOZ QUE CLAMA DE PORTUGAL

Um século de arte e arquitetura em três décadas de design gráfico.

'Cecília'

Um século de arte e arquitetura em três décadas de design gráfico.

'O Grande Golpe'

Um século de arte e arquitetura em três décadas de design gráfico.

'A Formosa da Água'

Um século de arte e arquitetura em três décadas de design gráfico.

OFATOR LULA

Um século de arte e arquitetura em três décadas de design gráfico.

Mãe em Spielberg

Um século de arte e arquitetura em três décadas de design gráfico.

Alma e Formas

Um século de arte e arquitetura em três décadas de design gráfico.

PODEROSA MARVEL

Um século de arte e arquitetura em três décadas de design gráfico.

'Invenção de Cézanne'

Um século de arte e arquitetura em três décadas de design gráfico.

'O do Maio'

Um século de arte e arquitetura em três décadas de design gráfico.

'Estética e Pápa'

Um século de arte e arquitetura em três décadas de design gráfico.

PHILIP ROTH E O MAL-ESTAR AMERICANO

Um século de arte e arquitetura em três décadas de design gráfico.

A democracia da Pátria Educadora

Um século de arte e arquitetura em três décadas de design gráfico.

Roth no cinema

Um século de arte e arquitetura em três décadas de design gráfico.

Cultura! Cultura! Cultura! Cultura! Cultura! Cultura!

'O LANCHE'

Um século de arte e arquitetura em três décadas de design gráfico.

Grupo (7)

Um século de arte e arquitetura em três décadas de design gráfico.

anti... Tempus passadas

Um século de arte e arquitetura em três décadas de design gráfico.

A REPÚBLICA DO BRASIL

Um século de arte e arquitetura em três décadas de design gráfico.

Uma estreia a menos

Um século de arte e arquitetura em três décadas de design gráfico.

iDeologia?

Um século de arte e arquitetura em três décadas de design gráfico.

QUE É IDEOLOGIA?

Um século de arte e arquitetura em três décadas de design gráfico.

Levi e Matarraz

Um século de arte e arquitetura em três décadas de design gráfico.

Enfado

Um século de arte e arquitetura em três décadas de design gráfico.

Uma semana em

Um século de arte e arquitetura em três décadas de design gráfico.

O FIM DE UMA ERA

Um século de arte e arquitetura em três décadas de design gráfico.

Poesia

Um século de arte e arquitetura em três décadas de design gráfico.

Na hora do pai

Um século de arte e arquitetura em três décadas de design gráfico.

FAMÍLIA, AMOR, POESIA: LUZ DO MUNDO

Um século de arte e arquitetura em três décadas de design gráfico.

Diófilo A. Silveira

Um século de arte e arquitetura em três décadas de design gráfico.

Elisa Jacob Almeida

Um século de arte e arquitetura em três décadas de design gráfico.

Antônio Carlos Palcos

Um século de arte e arquitetura em três décadas de design gráfico.

EXCLUSIVO

FAMÍLIA PASSOS, TALQUEY?

Um século de arte e arquitetura em três décadas de design gráfico.

Abel

Um século de arte e arquitetura em três décadas de design gráfico.

Invenções e Invenções

Um século de arte e arquitetura em três décadas de design gráfico.

Quatro Anos!



Cultura Cultura Cultura Cultura Cultura Cultura

Exclusivo
OCHÃO LITERÁRIO DE MIA COUTO
O escritor português faz uma releitura da obra de Shakespeare em sua obra 'O Chamado' Pág. C4-C5

A guerra dos deuses
Paradoxo da magia e da ciência? Pág. C2

Cinema
Avaliação dos filmes 'The Zoo' e 'O Homem do Ano' Pág. C3

Crise do racismo
Como a literatura pode ajudar a combater o preconceito? Pág. C3

Relatores de guerra
O que os romances dizem sobre a realidade? Pág. C4



UM MUNDO INTEIRO PARA SOFIA
A escritora portuguesa faz uma releitura da obra de Shakespeare em sua obra 'O Chamado' Pág. C4-C5

Literatura mágica
Avaliação dos filmes 'The Zoo' e 'O Homem do Ano' Pág. C3

Na morte e na arte
Avaliação dos filmes 'The Zoo' e 'O Homem do Ano' Pág. C3

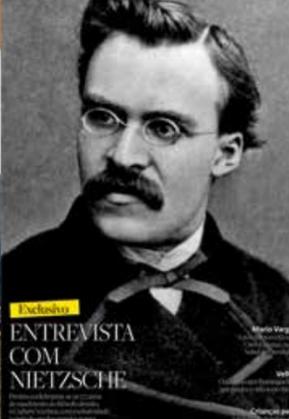
Letra ou música?
Avaliação dos filmes 'The Zoo' e 'O Homem do Ano' Pág. C3



O SAMBA JOVEM DOS VELHOS AMIGOS
Avaliação dos filmes 'The Zoo' e 'O Homem do Ano' Pág. C3



Exclusivo
ENTREVISTA COM NIETZSCHE
Avaliação dos filmes 'The Zoo' e 'O Homem do Ano' Pág. C3



E A MÚSICA DE TIM VENCEU
Avaliação dos filmes 'The Zoo' e 'O Homem do Ano' Pág. C3



UM ANO DE 'CULTURA!'
Um ano de 'Cultura!' com o melhor do ano em uma página única de celebridades locais, nacionais e estrangeiras e apresentando o melhor do ano em uma página única de celebridades locais, nacionais e estrangeiras. Pág. C4-C5



Cultura Cultura Cultura Cultura Cultura Cultura

'SEU PASSADO É UMA BANDEIRA, SEU PRESENTE, UMA LIÇÃO'
Avaliação dos filmes 'The Zoo' e 'O Homem do Ano' Pág. C3



SILÊNCIO NO MUNDO: UMA DÉCADA SEM PAVAROTTI
Avaliação dos filmes 'The Zoo' e 'O Homem do Ano' Pág. C3



Exclusivo
Simplymente VERÍSSIMO!
Avaliação dos filmes 'The Zoo' e 'O Homem do Ano' Pág. C3



CINCO DÉCADAS DE CEM ANOS DE SOLIDÃO
Avaliação dos filmes 'The Zoo' e 'O Homem do Ano' Pág. C3



LITERATURA PARA TODOS OS GÊNEROS
Avaliação dos filmes 'The Zoo' e 'O Homem do Ano' Pág. C3



OVOC DA ALMA LIVRE DE TITO MONTENEGRO
Avaliação dos filmes 'The Zoo' e 'O Homem do Ano' Pág. C3



Cultura Cultura Cultura Cultura Cultura Cultura

POESIA VIVA
Avaliação dos filmes 'The Zoo' e 'O Homem do Ano' Pág. C3



VIDA LONGA A FILOSOFIA
Avaliação dos filmes 'The Zoo' e 'O Homem do Ano' Pág. C3



Exclusivo
OS FEITOS DO 'PENA DE AÇO'
Avaliação dos filmes 'The Zoo' e 'O Homem do Ano' Pág. C3



O AUMENTATIVO DE ELENA
Avaliação dos filmes 'The Zoo' e 'O Homem do Ano' Pág. C3



UMA VIDA DEDICADA À LITERATURA E À PESQUISA
Avaliação dos filmes 'The Zoo' e 'O Homem do Ano' Pág. C3



TRES ANOS DE 'CULTURA!'
Um ano de 'Cultura!' com o melhor do ano em uma página única de celebridades locais, nacionais e estrangeiras e apresentando o melhor do ano em uma página única de celebridades locais, nacionais e estrangeiras. Pág. C4-C5



Cultura Cultura Cultura Cultura Cultura Cultura

TOCA, RAUL...
Avaliação dos filmes 'The Zoo' e 'O Homem do Ano' Pág. C3



DIAS DAS CRIANÇAS
Avaliação dos filmes 'The Zoo' e 'O Homem do Ano' Pág. C3



'IRA', A PRIMEIRA PALAVRA DE 'A ILÍADA', DE HOMERO, PODE SIGNIFICAR 'ÓDIO' OU 'INDIGNAÇÃO'; ÓDIO DE UNS, INDIGNAÇÃO DE OUTROS, COM O ÓDIO DOS UNS, VERMES, VERMES MALDITOS TODOS AQUELES QUE PREJUDICAM, SABOTAM E DESTROEM A PRÓPRIA CIDADE, O PRÓPRIO ESTADO, O PRÓPRIO PAÍS EM QUE NASCERAM E VIVEM, EM QUE TEM E CRIAM SEUS FILHOS. MALDITOS TODOS AQUELES QUE SE OPERECEM A FUNÇÕES PÚBLICAS, MAS SÓ BUSCAM TODOS AQUELES QUE SE VENDEM EM DETRIMENTO DOS QUE PRECISAM. MALDITOS TODOS AQUELES QUE VENDEM A PRÓPRIA ALMA E A ESPERANÇA DOS OUTROS. VERMES MALDITOS TODOS AQUELES QUE SE APROVEITAM DA INDIGNAÇÃO DO POVO PARA, MENTINDO, CONSEGUIR ALCAR-SE AOS MAIS ALTOS POSTOS DA NAÇÃO E, ENTÃO, IGNORAR TODAS AS PROMESSAS FEITAS E, SEM SE IMPORTAR COM AS CONSEQUÊNCIAS, FAVORECER OS SEUS E PERSEGUIR AQUELES QUE COM ELES NÃO CONCORDAM. VERMES MALDITOS,



Saber

FORAM QUATRO ANOS DE 'CULTURA!'
Um ano de 'Cultura!' com o melhor do ano em uma página única de celebridades locais, nacionais e estrangeiras e apresentando o melhor do ano em uma página única de celebridades locais, nacionais e estrangeiras. Pág. C4-C5



Quatro Anos!



VIVER SEM 'LIKES'

ELIANA JACOB ALMEIDA

Eu estava na janela do apartamento de minha mãe quando ouvi a gritaria. O edifício fica numa rua bem movimentada do centro e logo pensei numa confusão de trânsito. Quando cheguei à sacada, vi os funcionários da limpeza pública pendurados no caminhão, olhando para cima e gritando “Não se joga, não! Calma!” e os colegas repetiam. Olhei para os outros andares e não vi nada. Quando eles me viram na sacada, começaram a gritar as mesmas frases para mim. Só aí percebi que estavam gritando para chamarem a atenção e se divertirem.

Abanei a mão e ri com eles encantada com a cena. Como poderiam estar tão descontraídos e brincar com as pessoas numa profissão tão difícil? Em pleno sol quente, com roupas abafadas, recolhendo material



sujo e com mau cheiro, alguém consegue manter o bom humor?

Lembrei-me de que há poucos anos, perto de casa, vi um saco de reciclagem enorme se mexendo e, eu de carro, parei na esquina para ver o que era. Saiu de trás uma senhorinha bem pequena carregando aquele peso todo. Toquei o carro, fui para casa, mas me senti muito mal. Voltei e parei para conversar. Ofereci carona, disse que ela poderia colocar o saco no portamalas e ela, na maior calma do mundo, me respondeu: “Não, *fia*, não se preocupa, não! Tô levando dois sacos; eu ando um quarteirão com um, deixo na esquina, volto e busco o outro e assim vai.” Não acredite! Ela me contou que, se deixasse um saco na esquina — enquanto levasse o outro para casa — alguém poderia roubá-la. E arrematou: “Você deve estar cheia de coisa para fazer. Quando eu chegar em casa, minha janta vai estar pronta. Minha *fia* tá fazendo.”

Sai de lá da mesma forma, inconformada com a disposição daquela senhora, numa lida



É o que o filósofo coreano Byung-Chul Han chama de “sociedade do cansaço”: “vive-se com angústia de não estar fazendo tudo que poderia ser feito”

tão dura para sua idade. Senti vergonha de reclamar de algumas coisas tão pequenas, de perder a paciência por tão pouco, de querer sempre mais e descobrir que há pessoas que se sentem felizes na vida simples que levam.

Estamos no contexto que o filósofo coreano Byung-Chul Han chama de “sociedade do cansaço”. Segundo sua teoria, “vive-se com a angústia de não estar fazendo tudo o que poderia ser feito”. Temos que produzir sem parar, estudar sempre, fazer dieta, ser popular, alcançar e garantir sucesso o tempo todo e, finalmente, ser amado. Assim, tornamo-nos narcisistas, precisamos dos *likes* dos outros para sabermos quem somos e isso gera estresse. Estamos todos exaustos correndo incansavelmente atrás de troféus.

Entretanto, quando me deparo com pessoas como os funcionários da limpeza e a velhinha da reciclagem, me recomponho e me surpreendo ao ver que nem todos mergulham nesse abismo e se deixam levar por essa imposição de ser feliz, amado e bem-sucedido eternamente. Eles me ensinam a acreditar na força, na coragem e na alegria de uma parcela de nosso povo, que não vive em função dos *likes* alheios.

*

ELIANA JACOB ALMEIDA, PROFESSORA, ESCRITORA E DIRETORA-PROPRIETÁRIA DA ESCOLA EM BOM PORTUGUÊS, É AUTORA DE “ENQUANTO É TEMPO”, “MANUAL DE REDAÇÃO NOTA 1000 PARA O ENEM” E “A FAMÍLIA-MOSAICO DE CAIO E LUÍSA”. ESCRIVE CRÔNICAS PARA JORNAIS E REVISTAS DESDE 2003



FLORES COLORIDAS: UMA REFLEXÃO SOBRE A VIDA

LAÍS MIDORI DA SILVA

Era uma quarta-feira, o céu estava limpo, azul e iluminado pelo sol que, soberano, reinava lá no alto. Havia flores, artificiais e naturais, espalhadas para todos os lados. Quem olhasse aquele colorido todo não poderia negar que o dia tinha mesmo a sua cara e que não poderia haver uma despedida mais digna. Era um momento triste e a dor do luto estava engasgada em minha garganta, mas, estranhamente, as lágrimas custavam a cair desses olhos que fitavam o canteiro da avenida, vidrados e encantados com as pequenas bancas de flores e velas, dispostos para aqueles que celebrariam os seus mortos no dia seguinte.

É complexo dizer o que passa nos pensamentos de alguém que perde um ente tão querido, além disso, o sono interrompido depois da ligação do hospital e a estrada percorrida logo pela manhã, aliados à minha incapacidade de acreditar que aquilo tudo, de fato, estava acontecendo, certamente ludibriavam o meu subconsciente. A grande verdade: nunca lidei bem com o *evento* da morte e, apesar de saber que esse é o nosso destino natural, sempre o temi.

Lembrei-me bem de que, pouco tempo antes de ir para a universidade, fizera uma consulta com uma psicóloga, amiga da família, porque, ao romper o cordão umbilical e sair de casa,

fantasiava a perda dos meus familiares mais próximos e, de maneira antecipada, sentia culpa por ter estado tão longe e por ter perdido a oportunidade da convivência. Hoje, mais madura — e após anos de análise e dos dolorosos cortes lacanianos, compreendo que tal sofrimento estivera relacionado ao luto simbólico, o qual, embora também me sufocasse, era uma sensação bastante distinta do sentimento que assolava meu coração naquele exato momento.

Ali, imóvel, observando todas aquelas cores, a minha memória projetava um filme que parecia seguir o roteiro de uma narrativa fantástica, principalmente porque, enquanto resgatava os *flashes* dos nossos cinco anos de convivência (veja só, por ordem do destino, foi justamente quem me acolheu depois do rompimento do meu cordão umbilical), imaginava você che-

gando ao *Paraíso* com um pito na mão, aquele velho vestido amarelo florido, uma tamanca barulhenta de madeira nos pés, gargalhando daquele jeito ímpar, ao som de ABBA, mais especificamente da música *You can dance*, sua preferida. Era uma visão tão bizarra e incoerente que, sufocada com o grito de dor que fora silenciado, minha boca, levemente, esboçava um largo e reprimido sorriso.

Era para ser um momento de despedida, a qual eu tivera a oportunidade de fazer uma semana antes quando fui te visitar no hospital. “Vá resolver suas coisas da faculdade, filha. Eu vou ficar bem”. Não fiz minhas coisas. Não

me despedi. Não disse o quanto te amava. Não busquei o cigarro que você me pediu (Estava te protegendo! Ah, ledo engano!). Não agradeci por tudo o que vivemos juntas: os risos, os abraços, as broncas, as lágrimas, as tristezas, as alegrias... E eu não faria isso diante do seu corpo. “Aquilo”, para mim, era apenas a sua matéria, se é que posso chamar assim. Sem ofensas, mas você certamente não estava deitada naquele lugar, sua alma já estava correndo (e tropeçando, porque isso sim era a sua cara) entre as flores. Eu sentia isso! Eu fechava os olhos e via exatamente essa cena!

Passei o dia olhando a rua que ficava do outro lado da sala do prédio em que te “colocaram” e, como boa rebelde que sempre fui e que sou, decidi que eu manteria o meu posicionamento. Eu me recusaria a dizer adeus, sim, porque o colorido da rua mostrava o quão viva você permanecia dentro de mim. Ao observar aquelas flores eu compreendi que a morte não é o fim e que as memórias não cessam porque alguém partiu deste plano. Ainda lembro da sua gargalhada, do odor da fumaça do seu cigarro misturado com o cheiro do café e, inevitavelmente, sinto a sua presença todas as vezes que me deparo com uma cinquentona perua vestida com roupas extravagantemente coloridas.

Sabe, faz quase dois anos que você se foi e eu aprendi que o nosso destino final só vale a pena se formos capazes de deixar marcas tão profundas naqueles que ficam. Viver é muito mais do que esperar a morte, aliás, ela não tem data exata, pode visitar-nos quando menos esperamos e, exatamente por esse motivo, jamais estaremos prontos para enfrentá-la. Aprendi que é preciso estar apto para vivenciar o colorido da vida, diariamente, e que jamais haverá o dia do adeus se formos capazes de

dividir experiências afetivas e positivas com as pessoas com as quais convivemos.

Se eu sinto a sua falta? Claro! Ainda bem que o meu ato de “rebeldeia-não-despedida” permite que eu a mantenha viva em minha memória. Aliás, estou indo tomar meu café, ao som de *You can dance*. Com sorte, posso me esbarrar com uma cinquentona vestida com algo florido por aí, ela me sorri e eu, finalmente, poderei pedir aquele abraço do qual eu tenho sentido tanta saudade...

*

LAÍS MIDORI DA SILVA, CORINTIANA ROXA E PROFESSORA, É DOUTORANDA EM LETRAS PELA UNESP



Quatro Anos!



ACABOU? BRINDEMOS AO SEGUINTE

ZÉ RENATO

Ao se referir aos primeiros filósofos, ou à “Filosofia Trágica dos gregos”, Martin Heidegger dizia que ela não morreu. “Chegou ao seu final glorioso”, afirmou o autor em sua obra *Introdução à metafísica*.

Assim vejo o suplemento *Cultura!*. Muito embora meu amigo Osvaldo, mentor e responsável pela execução de seu grande êxito, diga um “até breve”. Não sei se esse breve será breve, ou se será...

Não importa. O suplemento cumpriu sua trajetória:

contribuiu para enriquecer intelectual e esteticamente as mentes daqueles que se dispuseram a lê-lo e, principalmente, daqueles que se dispuseram a contribuir.

Foi uma bela experiência! Realizei um sonho: contribuir com aquilo que me foi possível, para uma publicação, cujo propósito era divulgar conhecimento e cultura erudita.

Fizemos muito. Dane-se a modéstia. Quatro anos de contribuição com a inteligência. Num buraco como esse Brasil, não é pouco.

Bela experiência. Enquanto escrevo, recordo-me do poema *Aniversário* de Fernando Pessoa/Álvaro de Campos, por meio do qual o poeta discorre acerca de suas angustiantes reminiscências, contrapondo-as com o presente e o futuro; brincando dramaticamente com a temporalidade; e, sobretudo, refletindo sobre o vago conceito de felicidade.

Sem termos de comparação, assim vivi o *Cultura!*: esses quatro anos correm-me com um filme, embrincando as três temporalidades.

Fui feliz? Sou feliz? Não discorrerei acerca dessas indagações. Apenas atendo-me ao suplemento. Fui feliz em contribuir.

Foi prazeroso. Às vezes, a aridez do tema que escolhera para publicar trouxesse amarguras, em face de sua concretude.

Todavia, esse “final glorioso” permitiu-me rever, rapidamente, “minha produção”. Gostei. Contribuí.

Se porventura desagradei ou agredi alguém, minhas sinceras desculpas. Nunca tive intenção de ofender; apenas expor ideias e convicções.

O *Cultura!* aproximou-me de pessoas; afastou-me de pessoas; nos dois casos, para

sempre. Contudo, sempre com muita emoção.

Vivi o trágico. Sinto-me realizado nessa trajetória. Valeu muito.

Agradeço muito ao Osvaldo, pela oportunidade, pelo apoio, pelo carinho e zelo pelas publicações.

Não é hora de pensar o significado desse breve...

Se voltará, se voltarei...

Certeza: não há volta.

Heráclito nos ensinou: “Tudo é vir-a-ser”.

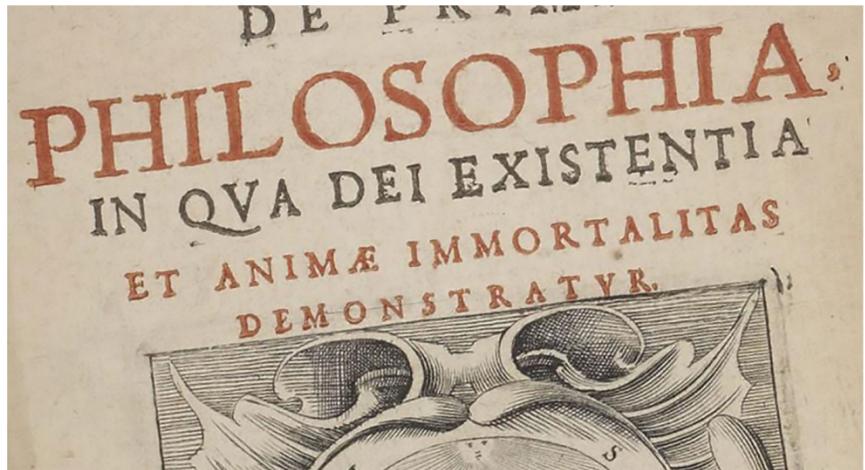
Talvez um outro...

Talvez...

“It’s only rock and roll, but I like it.”



Realizei um sonho: contribuir com aquilo que me foi possível, para uma publicação, cujo propósito era divulgar conhecimento e cultura erudita



ATÉ BREVE!

JACQUELINE PAGGIORO

A matemática pode até ser considerada uma ciência exata, mas quando se mistura à paixão pode até virar poesia, como maravilhosamente fez Millôr Fernandes em seu *Poema Matemático*.

Quatro anos de publicação, quarenta e oito edições do *Cultura!* — isso sem contar as edições da precursora *Gazeta Literária* — não conseguiremos somar todos os artigos, crônicas, poemas, contos, resenhas, entrevistas... Não, não dá para sermos exatos com tanto sentimento envolvido.

Escrevemos sobre intimidades, perplexidade, alegrias, frustração, assombro, encantamento, indagações, indignações... Educação, Ciência, História, Filosofia, Literatura, Pintura, Música, Cinema... Ficção e realidade. Angústia, saudade, pudor, humor... Tudo junto, amalgamado, misturado. Inclusive páginas em branco.

“A arte existe para que a realidade não nos destrua”: a frase de Friedrich Nietzsche (1844-1900) é extremamente pertinente para este nosso triste tempo de censura, falso moralismo e obscurantismo. E nós resistimos e nos unimos. Aliás, juntamos Gente: daqui, de lá, de acolá e até mesmo do além. Gente grande, miúda e graúda, famosos, anônimos, antônimos, sinônimos, também pseudônimos. Mas, acima de tudo, Gente. E como canta o Caetano: “...Gente viva, brilhando estrelas na noite Gente quer comer

Gente que ser feliz Gente quer respirar ar pelo nariz Não, meu nego, não traia nunca essa força não

Essa força que mora em seu coração Gente lavando roupa Amassando pão Gente pobre arrancando a vida com a mão

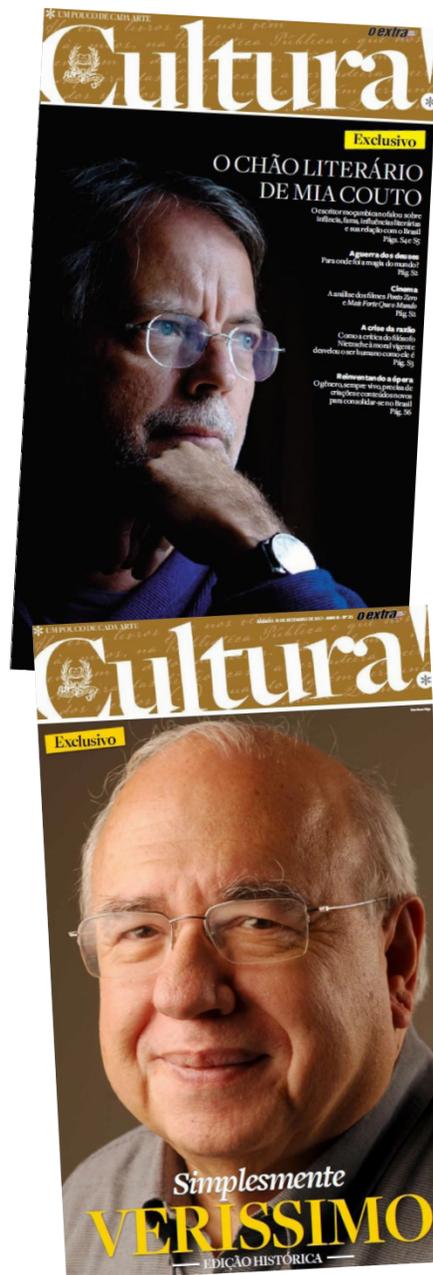
No coração da mata gente quer prosseguir Quer durar, quer crescer Gente quer luzir...”

Capítulo à parte: as entrevistas. Ah! As palavras não vão conseguir traduzir nossa emoção; só quem ama verdadeiramente a Arte, principalmente Literatura, poderá entender o indescritível prazer de ter contato com seu ídolo (que também é Gente). Osvaldo e eu vibramos de contentamento e felicidade: ele entrevistou o Veríssimo e eu Mia Couto! Puro regozijo. E ousadia.

Por ora vamos dar um tempo, mas como nos disse Rubem Alves: “o essencial é aquilo que, se nos fosse roubado, morreríamos. O que não pode ser esquecido. Substância do nosso corpo e da nossa alma... Os poetas são aqueles que, em meio a dez mil coisas que nos distraem, são capazes de ver o essencial e chamá-lo pelo nome. Quando isso acontece, o coração sorri e se sente em paz...”

Com certeza estamos em paz e com o coração a sorrir. E, porque temos almas de poeta, continuaremos irrequietos e insistentes. Matematicamente não vamos diminuir, apenas potencializar nossa força. Isso não é um adeus, apenas um até breve!

Capítulo à parte: as entrevistas. Osvaldo e eu vibramos de contentamento e felicidade: ele entrevistou o Veríssimo e eu Mia Couto! Puro regozijo. E ousadia



Quatro Anos!



Explicar é preciso: Mim não sou eu, é o filósofo! Quando eu falo de Mim, é dele, não de mim, certo?

Vamos tentar de novo. Costumam chamá-lo de “filósofo”, é verdade. Mas até hoje o próprio filósofo Mim não se soube definir. Na falta de algo mais preciso, aceitou o “filósofo”, mas completou: “empirista”.

Era um sujeito preguiçoso. Seu pecado da gula só não era maior que o da preguiça... Um filósofo de um jeito diferente. Assim foi que ficou: o filósofo empirista Mim.

Alguns, então, sentirão vontade de perguntar: “De onde vem esse seu nome?” Por enquanto, o espaço aqui não é suficiente. Fica para uma próxima oportunidade.

O que importa para esta introdução é que sobrou para mim.

Certa vez, conheci o filósofo rapidamente. Depois, houve mais duas ocasiões. Acho que foram duas. Nelas, o filósofo me passou extenso material, especialmente ma-nuscritos.

Num deles, anotou: “E di-rão mais tarde, se verá, que estes contos são um caldeirão de muita coisa, ou um mosaico de quase tudo e pra-ticamente nada... Um punha-do disso daqui e daquilo lá, ou um apanhado de qualquer coisa.”

Eu, que fiquei com os originais e manuscritos do filósofo, não concordo com tudo o que li, mas há quem assegure ver sentido e pro-fundidade em tudo o que ele escreveu, mesmo nas coisas mais bobas. “Está escondido para ser vendado e com-preen-



OS CONTOS DE MIM

O. A. Secatto

dido apenas por aque-les que merecem”, me disse-ram. Talvez eu não mereça.

De qualquer forma, no nosso último encontro, Mim pediu para que eu publicasse sua obra, que

passasse adian-te o que ele aprendeu numa vida inteira. E sumiu. Nin-guém sabe para onde foi ou mesmo se ainda está vivo. Antes de desaparecer, dei-xou-me ins-truções para um frontispício, co-mo segue:

Acho que ele não foi muito pre-ciso ao usar os termos “conto” e “ensaio” — até porque valeu-se muito da estrutura do aforismo —, mas faço sua vontade.

Então, atendendo a vários pedidos de uma pessoa só — o meu amigo e também escritor Duval, vulgarmente conheci-do como Sidival Cre-monin —, além da expecta-tiva criada pelo amigo e con-frade Zé Rena-to — a quem espero não decep-cionar —, resolvi compartilhar um pou-co do extenso material que o filósofo empirista deixou comigo. De alguma forma, esta-rei cumprindo minha promes-sa, mesmo que aos retalhos. E acho que ele vai gostar. Onde quer que esteja.

Aqui, então, compartilho um pouco de Mim (o filósofo, não eu).

“OS CONTOS DE MIM
Contendo em si os

Ensaios

elaborados pelo filósofo empirista Mim, através dos anos de sua experiência e observação, divididos em *O Aparentemente Sério*, *De Summa Scatologia* e *O Talvez Divertido*, para o entretenimento e a reflexão de todos os que estes lerem.”

O Aparentemente Sério

Da matéria efêmera

Não raro o filósofo arriscava-se em versos curtos e, por seu próprio gosto, bastante singelos para ilustrar seus pensamentos e reflexões.

ASSIM ESCREVEU MIM:

Pois o corpo definhará, não importa o que façamos. Logo, não se justifica uma vida fulcrada na adoração do corpo.

O corpo envelhece – mesmo na miséria e estando consciente –, enquanto perece a débil matéria,

jovem e potente, o espí’to enaltece, humilde e dolente, e, sábio, engrandece!

Da infância que não nos abandona

Todos temos um pouco de arte para fazer ainda... Sempre!

Dos poucos e muitos

Vejo que poucos se ocupam de um só amor e muitos ofícios, ao passo que muitos se ocupam de vários amores e um só ofício...

Dos desafios da lógica

O que é bom não se muda. Como tudo muda, nada é bom?

Do pouco de cada em tudo

Tanto na beleza quanto na feiura existem, ao mesmo tempo, o bem e o mal.

De remotas possibilidades de mudança

Mim, ao contrário, é Mim.

Da simplicidade de Deus

Pois Deus se revela em tudo, e nas pequenas é mais próximo que nas grandes. Nós, ao olharmos apenas a montanha, não abaixamos os olhos às pequenitades que nos cercam e são intensas! Quem olha só para cima tropeça em Deus e não O vê...

Da definição do homem

O homem, por natureza, é e sempre será insatisfeito, insatisfatório e insatisfazível.

Da paixão e do amor

A paixão nos faz escalar o muro, mas é o equilíbrio do amor que nos mantém lá.

Da fé etc.

Acredito em Deus; duvido é das igrejas...

Do escuro

Na escuridão há tudo o que pode existir.

Do abrigo e da prisão

Disseram-me: — Filhos são prisões. Eu, então, respondi: — Mas pode ser que na velhice só as prisões tenhas por abrigo.

Das frases aparentemente sérias

Carambola parece estrela só depois de cortada.

A autoridade é uma espada de areia.

Sem humildade, qualquer conquista é vazia.

Um pouco de mal faz bem. Já bem demais mal faz.

Todos levamos desejos para o túmulo.

Amar é, mais que a carne, desejar o espí’rito.

Na vida, a única resposta que terás é a de que não terás resposta alguma.

Maior o grau de intimidade, menor a paciência.

Todo político será honesto. Até que se conheça a verdade.

Esperas as coisas boas para depois sorrir? Não. Sorri primeiro, e elas virão.

A vida é uma implacável dobradora de joelhos.

Ninguém quer mais saber da água depois que ela passou pelo ralo.

Se não fores dono do canhão, procura não ficar na mira, só isso.

O chocolate é ótimo, mas a caixa também é importante.

Escandalizam-me aqueles que ainda se escandalizam.

Quem passou a vida inteira olhando para o próprio umbigo envelhecerá com uma bela corcunda.

O problema de depois de assistir a um filme de terror não são os barulhos, é o silêncio...

Cada objeto só tem o valor que as pessoas lhe dão.

Se queres constância, rodeia-te de pedras. E mesmo assim a terás apenas pela curta duração de tua efêmera existência.

Cara feia não aumenta a força.

O pior burro é o insistente.

O burro sempre está certo.

De Summa Scatologia

Paixão é como pum dos outros: quando você percebe, já é tarde.

Sempre olharás a catota tirada do nariz e cheirarás: o dedo tirado do umbigo, a meia e a cueca usadas.

Ele sentou no banco e sentiu algo viscoso.

— Mas... Que porra é essa? O amigo viu. Arrematou: — Exatamente.

Para limpar a bunda: água. Papel é paliativo.

Os romanos já conheciam o assento da privada (que não é invenção moderna): chamavam-no de “locus cogitandi”.

Não são três, mas quatro, as coisas que não têm volta:

- 1) a flecha lançada (ou a pedra arremessada);
- 2) a oportunidade perdida;
- 3) a palavra proferida; e
- 4) o pum solto.

A mão que lava a bunda é a mesma que leva a água à boca.

Hemorroida é como botar ovo, só que ao contrário.

O verdadeiro calor humano é aquele gás debaixo do cobertor...

O ator pornô. Esse, sim, sempre entra na personagem...

Que senhoras aposentadas, o quê! Homens é que gostam de buraco.

Barriga é igual pinto: todo homem tem; só muda o tamanho.

A tua dignidade é diretamente proporcional ao controle que tens sobre as tuas tripas.

O Talvez Divertido

Da união do Mero Acaso com a Pura Sorte nasceu a Coincidência. O avô Destino, porém, nunca gostou muito da neta...

Quem não chora não mama. E quem morde a teta fica sem mamar.

Quando uma não quer, o outro vira e dorme.

O bom filho em casa entorna.

Mulher de bêbado não tem dono. Ele nunca duvidou da própria masculinidade até ler “você é o que você come”.

Quem tem teto de vidro não joga pedra no vizinho... Mas água pode?

Meu lema do esforço físico é: de-vagar e (quase) sempre.

Quem tem bola de cristal não pode sentar com força.

O que é do homem o bicho não come; o que é da muié o bicho não qué.

O sol nasceu para todos; a sombra, não.

Os fanáticos têm pavio curto, bem comprovam os homens-bomba...

Quem muito lambe não é lambido.

Do poeminha elucidativo

Fique já avisado
Que quando alguém senta
Numa bala de menta
Fica documentado.

Das definições

Quando você está infestado de alguma coisa, significa que alguma coisa está em festa. Em você.

Dos diálogos da vida

Destino: Cedo ou tarde, todos fazem a minha vontade.

Coincidência: Eu o deixo pensar que é assim.

Acaso: Sem mim, essa aí não é nada...

Das traduções

Traduz isso para qualquer outra língua: “Fez que foi e acabou fundo.”

De por que não há araras na Bíblia

Porque não.

De algumas conclusões

Concluí que sou duas vezes mais criativo que a maioria dos europeus: 50% das minhas ideias surgem durante o banho.

Do pai arguto

Pôs no filho o nome de “Próximo”. Nunca precisava esperar na fila.

De irritatis irritantibus

Quer deixar um funcionário público nervoso? Quando ele disser que está de férias, pergunte com surpresa e espanto: “De novo?!”

Das frases talvez divertidas

Amo muito tudo o que faço, por isso sou amador em tudo.

Não adianta gritar. Se já estás caindo, apenas cai.

Cocceira na mão ou é presságio de dinheiro ou é bicho geográfico tentando achar o caminho até o pé.

Queres satisfação inteira? Vai abrindo a carteira...

Correção: a vida é cheia de baixos, tenores e barítonos.

O termômetro do corpo é o pé.

Não importa o santo, eu quero é o milagre.

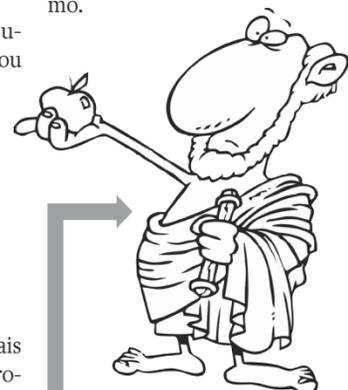
Quando tens um ‘pobrema’, tens dois.

‘Estrupo’ é quando a língua portuguesa é violentada.

Como diziam os romanos, vive cada dia como se fosse o último. Um dia acertas.

A mulher precisa saber cozinhar para o marido não querer comer fora.

Quem gosta de Mim é Mim mesmo.



Este aqui não é o filósofo Mim.